

## "Ciência da Terra": aprendendo com os *tehey* em Muã Mimãtxi

## "Science of the earth": learning with *tehey* in Muã Mimãtxi

## "Ciencias de la Tierra": aprendiendo con los *tehey* en Muã Mimãtxi

**Paulo Maia Figueiredo**

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte/MG – Brasil

**Siwê Alves Braz**

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte/MG – Brasil

**Roberto Romero**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro/RJ – Brasil

### Resumo

Este artigo apresenta parte dos resultados alcançados pelo projeto "Capturando novos modelos de educação entre minorias indígenas e quilombolas no Brasil", a partir da experiência de pesquisa com a escola/comunidade indígena pataxóop Muã Mimãtxi em tempos de pandemia. A experiência ensina que iniciar qualquer projeto em uma comunidade indígena requer a presença e a coexistência como requisitos básicos. É assim que, em sua proposta original, estavam previstas as atividades do projeto. Com o início da pandemia de Covid-19, todo esse planejamento inicial teve que ser adaptado aos novos tempos. Muã Mimãtxi nos ensina pedagogias totalmente sintonizadas com os desafios impostos pelo atual colapso ecológico, consistindo em uma experiência de escola-comunidade "para adiar o fim do mundo", para evocarmos Ailton Krenak. Esperamos, ao final, apontarmos os contornos de uma "ciência da terra" de Muã Mimãtxi.

**Palavras-chaves:** Pataxóop, Muã Mimãtxi, Escola indígena, Aprendizagem, *Tehey*

### Abstract

This article presents part of the results achieved by the project "Capturing new models of education among indigenous minorities and *quilombolas* in Brazil". The project is based on a research experience with the Pataxóop Muã Mimãtxi indigenous school/community in times of pandemic. Experience teaches that starting any project in an indigenous village requires presence and coexistence as basic requirements. Originally, the project activities were planned this way. But with the beginning of the Covid-19 pandemic, all this initial planning had to be adapted to the new times. Muã Mimãtxi teaches us pedagogies totally in tune with the challenges imposed by the current ecological collapse, consisting of a school-community experience "to postpone the end of the world", to evoke Ailton Krenak. We hope, in the end, to point out the contours of a "science of the earth" of Muã Mimãtxi.

**Keywords:** Pataxóop, Muã Mimãtxi, Indigenous school, Learning, *Tehey*

### Resumen

Este artículo presenta parte de los resultados alcanzados por el proyecto "Capturando nuevos modelos de educación entre minorías indígenas y quilombolas en Brasil" basado en la experiencia de investigación con la escuela / comunidad indígena Muã Mimãtxi en tiempos de pandemia. La experiencia enseña que iniciar cualquier proyecto en una comunidad indígena requiere la presencia y la convivencia como requisitos básicos. Es así como, en su propuesta original, se planificaron las actividades del proyecto, con el inicio de la pandemia Covid-19, toda esta planificación inicial tuvo que adaptarse a los nuevos tiempos. Muã Mimãtxi nos enseña pedagogías

totalmente em sintonia com los desafios que impone el colapso ecológico actual, consistente en una experiencia escuela-comunidad “para posponer el fin del mundo”, para evocar a Ailton Krenak. Esperamos, al final, señalar los contornos de una “ciencia de la tierra” de Muã Mimatxi.

**Palabras clave:** Pataxoop, Muã Mimatxi, escuela indígena, aprendizaje, *tehey*

## 1. Introdução

A experiência antropológica e etnográfica ensina que o início de qualquer trabalho numa aldeia indígena exige a presença e a convivência como requisitos básicos. São nesses encontros iniciais *in loco*, que se estabelecem os mínimos pactos para o desenvolvimento de um projeto bem-sucedido, baseado no conhecimento mútuo, nas longas reuniões de trabalho e discussão, no reconhecimento de um território e, claro, nas refeições coletivas, quando as trocas de histórias e afetos, aos poucos, criam relações de confiança, respeito e acolhimento.

Era assim que, na sua proposta original, as atividades do projeto “Novos modelos de educação escolar entre indígenas e quilombolas no Brasil” - *Capturing new education models among indigenous and quilombola minorities in Brazil*<sup>1</sup> - estavam previstas para acontecer, através de sucessivas visitas às comunidades participantes. Com o início da pandemia de Covid-19, oficialmente declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, todo esse planejamento inicial teve de ser adaptado às novas medidas de segurança e prevenção à doença.

Ao longo do último ano, experimentamos uma transição digital sem precedentes, e as interações passaram a se dar virtualmente, a partir de diferentes plataformas, como Zoom, Google Meet, Jitsi, com as quais fomos nos acostumando. A transição digital, entretanto, envolvia desafios enormes para contornar as desigualdades estruturais do acesso à Internet entre os membros da comunidade acadêmica, em particular, estudantes indígenas e quilombolas.

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada em parceria com a *University of St Andrews* (Escócia/Reino Unido), contou com financiamento do edital GCRF, *Global Challenge Research Fund*, que visa a promover parcerias de pesquisa de universidades do Reino Unido (UK) com universidades de países fora do Reino Unido e da Europa. Agradecemos a Ana Gomes, Shirley Miranda, Silvia Miranda, Matheus Vaz, Joel Gonçalves de Oliveira, Débora Azevedo, Suzana Escobar, André Victor, Stavroula Pipyrou, Emma Bond e Camila Marinelli pelo projeto, desafios e comentários compartilhados. Uma primeira versão do artigo intitulada “Science of the earth: indigenous educational models in Brazil” foi apresentada na *Association of Social Anthropologists - ASA UK 2021*, no painel “Minorities, researchers and their relations: co-producing knowledge practices and ethics in collaborative settings”, coordenado por Stefania Pontrandolfo, Stavroula Pipyrou e Ana Gomes.

Na impossibilidade de realizarmos trocas presenciais, longas reuniões e debates com as comunidades envolvidas e oficinas de trabalho *in loco*, como sempre estivemos acostumados a fazer, migramos para os encontros virtuais. A partir do mês de agosto [2020], quando as atividades começaram oficialmente, reunimos quinzenalmente os três grupos de pesquisa em reuniões virtuais, por via da plataforma Zoom, para apresentação das atividades desenvolvidas por cada equipe e, separadamente, organizamos cronogramas e metodologias próprias de trabalho<sup>2</sup>.

Este artigo apresenta parte dos resultados alcançados pelo referido projeto, a partir da experiência de pesquisa com a escola/comunidade indígena Muã Mimãtxi em tempos de pandemia. Muã Mimãtxi nos ensina pedagogias totalmente sintonizadas com os desafios impostos pelo atual colapso ecológico, consistindo em uma experiência escola-comunidade “para adiar o fim do mundo”, a fim de evocarmos Ailton Krenak (2019). Esperamos, ao final, apontarmos os contornos de uma “ciência da terra” de Muã Mimãtxi.

## 2. Conhecendo Muã Mimãtxi

Muã Mimãtxi é o nome de uma comunidade indígena localizada no município de Itapecerica, Minas Gerais, onde vivem os Pataxoop, um grupo de cerca de 40 pessoas, num pequeno território de aproximadamente 145 hectares. Essas famílias viviam na aldeia Pataxó de Carmésia (MG) até 2006, quando conquistaram o novo território e se mudaram, dando continuidade à longa trajetória de migrações desse povo pelas terras atualmente divididas entre os estados da Bahia e Minas Gerais.

Em Itapecerica, as famílias contam terem reencontrado uma variedade de parentes-plantas e parentes-animais, povos-espíritos, também chamados de *yãmiyxoop*, que não reviam desde que saíram, nos anos 1980, da aldeia de Barra Velha (Caraíva-BA), na costa brasileira. Hoje, Muã Mimãtxi é uma comunidade e uma escola, uma escola-comunidade ou, como também já disseram, “um projeto de futuro” (PÁDUA, 2015), uma comunidade sonhada e construída juntamente com uma escola pelo casal de professores Kanatyo e Liça Pataxoop, ao lado dos seus filhos e filhas. Nas palavras de Kanatyo:

---

<sup>2</sup> Sobre a redefinição e reorganização do fazer etnográfico durante a pandemia de Covid-19, os leitores devem consultar a recente publicação *Etnografando na pandemia*, organizado por Paride Bolletin, Guillermo Vega Sabarina e Fátima Tavares (2020).

quando a gente viu aqui, nós sentimos que o nosso *yãmiyxoop* já estava aqui, sempre morou aqui. Então, a gente sente que, quando a gente encontra um *yãmiyxoop* dessa irmandade numa terra, é que essa terra, ela é tradicional nossa. Então, esse sentido de "tradicional" é quando a gente sente que tem alguém da nossa irmandade espiritual ali. Então, não quer dizer assim que o nosso povo sempre morou aqui, mas que ele morou através dos *yãmiyxoop*, através dessa irmandade, da natureza. (Entrevista gravada, Muã Mimãtxi, 2020)

Kanatyo fez parte da primeira turma do Programa de Implantação de Escolas Indígenas em Minas Gerais, o Piei-MG, responsável pela formação de professores indígenas do estado, entre os anos de 1995 e 2008. Após concluírem o magistério no Piei, lideranças indígenas de todo o estado, junto das professoras e professores da UFMG, demandaram a continuidade dos estudos, através da criação de uma licenciatura indígena nessa universidade, o que veio a acontecer em 2006, com a criação do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, denominado Fiei-Prolind, onde Kanatyo e seu filho Siwê se formaram em 2011.

O curso experimental deu origem, por sua vez, ao Fiei-Reuni, criado em 2009 na UFMG, e, desde então, vem funcionando com entradas de turmas regulares anualmente. Durante todo esse período, d. Liça acompanhou a formação do marido e do filho de perto, contribuindo de diversas formas para o percurso acadêmico de ambos e abrindo caminho para a formação das futuras gerações. Muã Mimãtxi surgiu no mesmo ano em que era criado o Fiei-Prolind na UFMG. Como veremos, há uma continuidade entre os processos de formação de professores indígenas e a luta pelos direitos territoriais, muito evidente nessas trajetórias.

Como dito anteriormente, a equipe de Muã Mimãtxi se reunia em encontros virtuais, através da plataforma Zoom, para os primeiros contatos e conversas. A partir dos primeiros encontros, fomos apresentados à história dessa aldeia-escola e da família pataxó. Ao longo das últimas décadas, os professores e professoras de Muã Mimãtxi foram responsáveis pela produção de diversas publicações, entre trabalhos de conclusão de curso, livros e desenhos. Com o passar dos anos, entretanto, muitas dessas publicações haviam se perdido e, em alguns casos, não havia mais exemplares na própria aldeia.

Num primeiro momento, decidimos reunir todas as publicações disponíveis em arquivos digitais, organizados em uma pasta do Google Drive. Felizmente, todos os sete livros produzidos pelos professores e professoras da aldeia foram localizados (PATAXÓ, L., 2012; PATAXÓ, C. B., 2012a e 2012b; PROFESSORES E ALUNOS

INDÍGENAS PATAXÓ DA ALDEIA DE MUÃ MIMÃTXI, 2012a, 2012b, 2012c; POVO PATAXÓ DA ALDEIA MUÃ MIMÃTXI, 2013), além de quatro Trabalhos de Conclusão de Curso (PATAXÓ, S. 2016; PATAXÓ, BRAZ, T. A. 2018; BRAZ, R. A. 2019; BRAZ, W. A. 2019), defendidos por professores e professoras da comunidade, bem como dois artigos (LEITE, 2010; PÁDUA, 2015) e três dissertações (SILVA, L. J. 2012; DUTRA, M. V. 2012; VEAS, 2017), realizadas por pesquisadores não indígenas, a partir de experiências em Muã Mimãtxi.

A partir da reunião dessa bibliografia, decidimos fazer uma imersão no material, a partir de leituras que eram comentadas a cada encontro da equipe, formada por pesquisadores e colaboradores não indígenas e indígenas de Muã Mimãtxi, elencando alguns temas e conceitos-chave para o desenvolvimento do projeto. A reunião e leitura do material, por sua vez, inspirou a vontade de revisitar essas produções, a partir de uma série de encontros virtuais gravados com algumas das principais pessoas envolvidas no processo de produção dessas publicações, junto à comunidade de Muã Mimãtxi. Desde o primeiro encontro geral da rede do projeto, ficava claro que o processo de realização da pesquisa não seria dissociado dos seus “resultados”.

Durante o primeiro mês da investigação, toda a bibliografia foi reunida e organizada num *drive*, onde ficará disponível para facilitar o acesso da comunidade às publicações, especialmente, das professoras e professoras, alunas e alunos de Muã Mimãtxi. A partir da organização desse acervo digital, julgamos que era fundamental igualmente realizarmos uma verdadeira imersão nessa literatura. Percebemos que essa imersão, através de uma leitura atenciosa dos textos e da discussão dessas leituras ao longo dos encontros semanais da equipe, seria também uma das melhores formas de sermos apresentados a Muã Mimãtxi, ao pensamento e às práticas pedagógicas tão originais desenvolvidos nessa escola-comunidade.

Apresentamos, em seguida, algumas questões e observações fruto dessa experiência de leitura compartilhada dos textos e imagens que encontramos nos livros e TCC's.

### **3. Imersão na literatura pataxoop**

Quem percorre algumas das páginas dos livros publicados pelos professores e professoras de Muã Mimãtxi logo se depara com uma proposta pedagógica indissociável da terra e do território, uma verdadeira “Ciência da Terra”, como

formulou d. Liça, em seu livro *Com a terra construímos a nossa história* (PATAXÓ, L., 2012). De fato, não é coincidência que Muã Mimãtxi surja, em 2006, ao mesmo tempo como uma terra, uma comunidade e uma escola. Nas palavras de d. Liça, “a vida do índio Pataxó envolve a terra. A ciência da terra. Dá aquele olhar pra terra, aquele carinho pra terra. Aquele tempo de trabalhar na terra, entender como ela precisa daquele tempo de alimentação dela mesma” (PATAXÓ, L., 2012, p. 15).

Esse vínculo orgânico entre a educação e a terra costuma aparecer logo na introdução de cada publicação e está no fundamento da “pedagogia da lente do nosso olhar”, que Kanatyto define na apresentação do livro homônimo como um “movimento entrelaçado da nossa educação com a nossa vida na terra” (POVO PATAXÓ DA ALDEIA MUÃ MIMATXI, 2013, p.5).

Paralelamente a essa “pedagogia enraizada”, está a compreensão, também muito valorizada nos textos e falas da comunidade, segundo a qual “tudo é parente”: pessoas, plantas, rios, astros... Esse “parentesco estendido” a outras formas de vida mais que humanas, de que nos falam reiteradamente essas publicações, redefine o próprio conceito de “família” ou “comunidade”, tal como costumamos entendê-los.

Em nossas conversas com os Pataxoop de Muã Mimãtxi, somos todo o tempo apresentados aos seus parentes-animais, parentes-plantas e parentes-minerais, com os quais suas vidas estão entrelaçadas no território e na natureza, porque “tudo na natureza vive entrelaçado uns aos outros, esse é o jeito certo de viver” (POVO PATAXÓ DA ALDEIA DE MUÃ MIMATXI, 2013, p.5 ). Voltaremos nesse ponto a seguir.

A partir dessa conexão com a terra e dessa comunidade de muitos parentes, uma série de publicações explora ainda a importante noção de “tempo”, que parece compreender desde a alternância entre o sol e a lua (isto é, o dia e a noite), a alternância entre as estações do ano (o tempo da seca e o tempo das águas), além do que poderíamos entender como os tempos históricos (tempo dos antigos, tempo da pandemia etc.).

Em boa medida, o interesse pelo tema está também associado a uma importante metodologia de produção de calendários etnoambientais, parcialmente inspirada nos trabalhos de María Bertely Busquets e Jorge Gasché (PÁDUA, 2015, p.297), muito praticada nas oficinas que resultaram nessas publicações. Certamente ela está na base também de toda uma série de pedagogias desenvolvidas em Muã Mimãtxi, as quais suas publicações se esmeram em registrar e apresentar. Dentre

essas pedagogias se destacam: “a lente do nosso olhar”, “com a mão no chão”, “conversar sobre”, um pé na aldeia, um pé no mundo”, “jogos infantis”, “alfabetizar cantando”, e, claro, os “*tehey* de pescaria de conhecimento” que examinaremos com mais detalhe adiante.

Cada uma dessas pedagogias é apresentada em detalhes ao longo dos livros, mas também se tornaram temas privilegiados no percurso acadêmico de quatro professoras e professores de Muã Mimãtxi, desenvolvidos no Fiei-UFMG. Em *Alfabetizar cantando na aldeia Muã Mimãtxi* (2016), Saniwe Alves Braz aborda esse método muito valorizado pela comunidade, que trata da introdução da escrita e da leitura através dos cantos:

Esse método é uma forma própria de educar. O principal instrumento de trabalho é a música porque ela é como uma página de um livro que a gente pode explorar, como palavras, maneiras de falar de uma coisa, buscando conhecimentos na música. A questão de educar através da música é o principal, pois ela vai amansando o conhecimento e pode trazer novos conhecimentos, para trabalhar através da música. (2016, p. 10)

Em *O saber matemático nas vivências cotidianas da aldeia Muã Mimãtxi* (2018), Txahá Alves Braz desenvolve as noções de “agrupar, emprestar, trocar, juntar, dar, distribuir e ganhar, e como elas acontecem na vivência da aldeia.” (2018, p. 19). Raires Alves Braz introduz a pedagogia dos jogos e brincadeiras em *Jogos familiares pataxó da aldeia Muã Mimãtxi* (2019), e Werymehe Alvez Braz apresenta e discute os *tehey* em *Tehey de pescaria de conhecimento* (2019).

Ao longo das duas primeiras etapas do projeto, que envolveram a organização do material publicado pela comunidade de Muã Mimãtxi e a imersão na literatura com discussão dos principais temas pela equipe, percebemos o papel fundamental de algumas alianças com professoras não indígenas da Universidade Federal de Minas Gerais, na estruturação da escola-comunidade e na realização da série de publicações já mencionadas. Surgiu, então, um interesse de revisitar toda a literatura sobre a qual tínhamos nos debruçado, ouvindo aqueles que estiveram envolvidos diretamente no seu processo de produção.

Desse modo, a partir de meados de setembro, organizamos um cronograma de *lives* prevendo conversas individuais com as professoras Lucia Helena Alvarez, Marcia Spyer e Maria Inês de Almeida, além de uma conversa com o casal Kanatyó e Liça Pataxó e, por fim, um encontro com a nova geração de professores e professoras de Muã Mimãtxi, os irmãos Siwê, Saniwe, Werymehe e Txahá Alves Braz.



Como metodologia para realização dessas *lives*, organizamos roteiros prévios com propostas de perguntas para cada convidada, que era enviado com antecedência, de modo a orientar e aproveitar ao máximo cada encontro.

Professora titular da Faculdade de Educação da UFMG, Lucia Helena Alvarez foi nossa primeira entrevistada, no dia 16 de setembro de 2020. Lucia, ou “Lucinha”, como é mais conhecida, acompanhou de perto a trajetória de Muã Mimãtxi desde a sua criação, em 2006, e participou dos anos de formação de professores indígenas no Piei-MG e, posteriormente, da criação do Fiei, na UFMG. Como pesquisadora, trabalha na área de educação, com ênfase em educação e movimentos sociais, atuando, principalmente, nos campos da educação decolonial, educação indígena e educação integral.

Em seguida, conversamos com a professora Marcia Spyer, também da Faculdade de Educação da UFMG. Geógrafa de formação, Marcia esteve à frente da criação do Piei-MG, em 1995, e participou igualmente da estruturação do Fiei na UFMG, tendo acompanhado muito de perto a criação da comunidade-escola de Muã Mimãtxi.

Conversamos também com Maria Inês de Almeida, professora titular da Faculdade de Letras da UFMG e coordenadora do Literaterras, núcleo de pesquisa, ensino e extensão, responsável pela tradução, edição e publicação de dezenas de textos de autoria indígena, em particular, dos alunos que passaram pelo Piei-MG e Fiei, de cuja implantação Inês também participou ativamente.

Nessas três primeiras conversas, das quais participaram cada professora convidada ao lado dos membros desta equipe, revisitamos os anos de implantação das escolas indígenas em Minas Gerais e a formação dos primeiros professores indígenas do estado, através do Piei-MG e posteriormente do Fiei-Prolind.

Lucia e Márcia lembraram os primeiros anos depois da mudança das famílias de Carmésia para Muã Mimãtxi e os primeiros passos de criação da escola-comunidade, assim como a entrada e formação dos alunos no magistério e licenciatura indígenas. Durante as conversas, comentamos essa interessante coincidência entre o processo de ingresso dos estudantes indígenas na universidade e a luta pelos direitos territoriais. Como afirmou Márcia, “Toda luta, ela fortalece a identidade individual e a identidade coletiva. A mudança dos Pataxó de Carmésia para o Retirinho foi uma luta que acompanhou essa certeza absoluta do direito à terra.”



Na *live* com a professora Maria Inês de Almeida, por sua vez, percorremos os percursos acadêmicos dos alunos e alunas de Muã Mimãtxi e o processo de produção dos livros, através do núcleo Literaterras. Todas as *lives* foram gravadas e incluídas no *drive* da pesquisa, para futuros acessos pela equipe e pela comunidade.

#### 4. Aprendendo com os *tehey* em Muã Mimãtxi

*Tehey* é como os Pataxoo chamam as redes de pesca, mas também os desenhos através dos quais praticam uma forma própria de escrita e de “pescaria de conhecimento”:

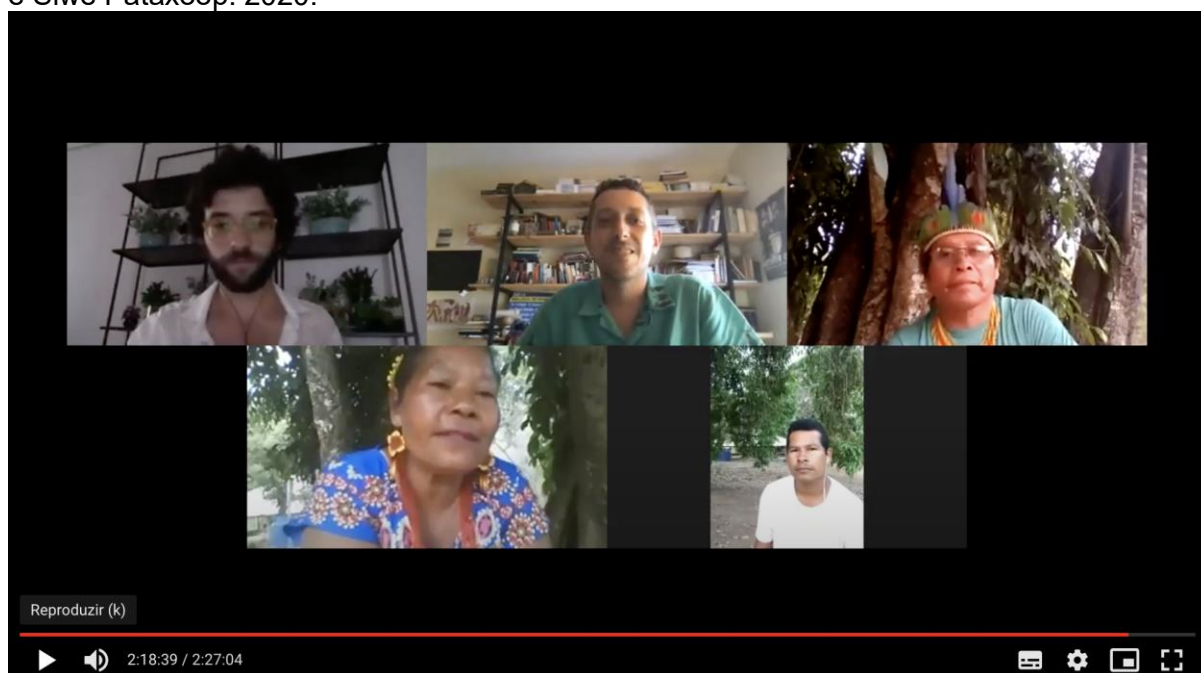
porque os *tehey* de pescaria pegam vários tipos de peixe, e os *tehey* de pescaria de conhecimento são as imagens que cada conhecimento possui, e cada imagem é diferente uma da outra, então o *tehey* para Muã Mimãtxi é esse, e também para não acabar com a cultura e valor nas imagens de cada *tehey*. (BRAZ, W. A., 2019, p. 9)

Os desenhos registram, em geral, “cenas” do cotidiano ou da história pataxoo e são caracterizados por um uso bastante especial das cores e pelo povoamento das imagens com todos aqueles parentes animais, parentes plantas e parentes minerais, de que tanto falam os professores e professoras de Muã Mimãtxi.

Nos desenhos, as figuras humanas costumam estar sempre inseridas num território habitado por árvores, rios, sol, nuvens, chuva, montanhas e bichos de todos os tipos. Por vezes, temos a sensação de estarmos diante de mapas. Trata-se, sem dúvida, de uma das pedagogias mais importantes em Muã Mimãtxi e pela qual d. Liça e seus filhos e filhas possuem um carinho e orgulho especial.

A partir desses *tehey* e de todas essas publicações, somos então apresentados a práticas educacionais que acompanham o ritmo da vida e da experiência no território e em comunidade. Cada hora do dia ou da noite, cada estação ou “tempo” do ano, cada espaço na aldeia (a mata, o brejo, o rio, a roça) são espaços de conhecimento e aprendizagem. O ensino e o aprendizado, nos ensinam os professores e professoras de Muã Mimãtxi, estão por toda parte e, como peixes num rio, devem ser pescados, através de uma atenta e sensível observação e escuta da natureza, capturada e transmitida através das belas imagens dos *tehey* e dos cantos, mas também das conversas, da presença, do exemplo dos mais velhos para os mais novos. O aprendizado e a educação estão, portanto, em todo o lugar, exceto, talvez, nos limites das “quatro paredes” (d. Liça), onde muitas vezes o Estado e a educação escolar pretende, sem sucesso, confiná-los.

**Figura 1:** Encontro pela plataforma Zoom com Roberto Romero, Paulo Maia, Kanatyo, D. Liça e Siwê Pataxoop. 2020.



[Captura de tela]

Após os primeiros encontros com os pesquisadores, finalmente, nos sentimos preparados para a conversa com Kanatyo e d. Liça Pataxoop, anciões da comunidade, a respeito de todo o conhecimento e discussões acumuladas ao longo dos primeiros dois meses de pesquisa. Durante 2h30, através da plataforma Zoom, d. Liça e Kanatyo apresentaram à comunidade escolar Muã Mimãtxi, a produção dos livros, o fascinante trabalho com os *tehey*, a formação dos seus filhos na universidade, a luta por uma educação diferenciada e os desafios de viver no “tempo da pandemia”.

Conforme falavam, todos os temas que tanto nos chamaram a atenção durante os meses de imersão na literatura, eram retomados, reelaborados e reapresentados pelo casal: a chegada em Itapecerica, a conexão entre a educação e a terra, as variações dos tempos, o parentesco distribuído, a escola da vida e suas pedagogias, a escrita através dos *tehey* e a pescaria do conhecimento. Como dizia d. Liça:

Muã Mimãtxi, eu falo dela igual eu falo assim o nome de meus filhos: Siwê, Saniwê, Txaha, Werymehe, Txoyana, Kanaty.... E aí vem os netos também, porque ela é muito carinhosa pra mim. E eu vivo aqui com muito carinho com ela. Mas, assim, no pensar assim de dois grandes também, assim dentro de mim, que no meu pensamento, eu tenho muita mata, muito rio, inclusive, assim, eu não sei escrever, mas a minha escrita é imagem, porque é um aprendizado assim desde quando *yãmiyxoop* veio ao mundo. Ele ensinou pra *tihix* (parente) a escrever em imagem, né... E tudo nosso, o meu aprendizado, foi a imagem, porque as primeiras escritas foram as imagens na areia da praia, na areia das lagoas... onde a gente brinca, a gente fazia, não conhecia caderno, não conhecia esses materiais de fora nenhum. Então, o que a gente fazia

era desenho com o dedo assim na terra, com pedacinho de pau, com carvão, era com isso que a gente ia marcando. E dessa forma, eu ensino hoje. E é um ensino assim... Hoje, dentro de uma folha, hoje eu já tenho o lápis, o papel, mas,, pra mim o que está ali, a minha escrita, ela é concentrada. Às vezes, tá ali dentro de um papel, mas o que vai pra ali é outro pensamento, outro pensamento de ensino. E assim, eu ouvindo você falando, eu tenho um *tehey* de quando eu cheguei em Muã Mimãtxi, e *tehey* é um material de pescaria das mulheres pescarem no rio. E esse *tehey* que eu trabalho com ele sobre o ensinar é *tehey* de pescaria de conhecimento. (Entrevista gravada, Muã Mimãtxi, 2020)

Como completa Kanatyo,

Hoje nós ensinamos nossas crianças essas imagens, porque nós fazemos essa leitura o tempo todo, o mundo das plantas, o mundo dos animais, em tudo. Porque tudo isso envolve uma ciência. Nos astros, como a lua... A lua pra gente, a gente sabe que ela é um elemento muito importante desde o começo do mundo, que a gente sabe que o ar, desde o começo do mundo, ele foi importante. Então, ele é um elemento fundamental para manter esse seguro de vida na terra. A gente sabe que tem história que explica isso... Essa história do ar, do vento, que nos dá também esse poder de vida. Esse poder de estar desenvolvendo essa evolução natural da natureza. E aí, a gente vai pescando, fazendo sua pescaria, porque, como d. Liça falou, os conhecimentos, eles estão implícitos em tudo da nossa vida. Eles estão perto de nós, então, não adianta a gente procurar um conhecimento longe, que a gente não vai enxergar eles. Então, a gente tem que buscar esse conhecimento aqui perto, porque ele tá aqui junto de nós. E aí, o conhecimento ele tá ali, e a gente tem que conhecer e ter essa religiosidade com a natureza, para descobrir onde que estão esses lugares do conhecimento pra gente estar pescando eles pras nossas crianças, pros nossos jovens. E é assim que a gente tá fazendo. E hoje, a gente tá produzindo através da escola, produzindo os nossos materiais didáticos, esses materiais que a gente já fez, desde quando a gente chegou aqui em Muã Mimãtxi, a gente tá produzindo. Nós não paramos de produzir, porque o nosso espírito não pode atrofiar, ele não pode ficar doente. E essa coleta de conhecimento é a nossa vida, porque faz parte dessa vida nossa aqui na terra. E isso é muito importante para nós, porque a gente vê que estamos cada vez mais fazendo quem a gente é. E aí, através dessa produção, a gente tá produzindo para apresentar pro mundo, porque a gente sabe que a escola, a educação, ela é uma ponte entre mundos, entre povos. (Entrevista gravada, Muã Mimãtxi, 2020)

**Figura 2:** D. Liça e seu *tehey* da época em que chegaram a Muã Mimãtxi, 2020



[Captura de tela]

## 5. O tempo de pandemia

Do mesmo modo que a pandemia de Covid-19 impactou as atividades previstas no âmbito deste projeto, ela também impactou profundamente a rotina da escola e da comunidade em Muã Mimãtxi. Lembremos que a “presença” é justamente uma das pedagogias que orientam a escola e a comunidade. Como explica Clovis Braz em *A cultura informa o homem*,

quando a gente dá uma xícara de café, damos risadas, chamamos uma pessoa para dentro de casa, saudamos uma pessoa, dando a mão para ela, chamamos a pessoa pra sentar, pra comer, dando uma fruta para ela, isso tudo é presença. Com a presença nós não trabalhamos sozinhos. (2012, p. 22)

Como, então, manter esse valor da presença e das demais práticas pedagógicas num cenário de distanciamento social? Para concluir este artigo, apresentamos algumas das ações de Muã Mimãtxi em tempo de pandemia e alguns apontamentos futuros do percurso que iniciamos com a comunidade no último ano.

Assim que foi declarada a pandemia, as famílias em Muã Mimãtxi fecharam o acesso à aldeia e se isolaram. Uma enfermeira que atende no Posto de Saúde local passou a cuidar das compras na cidade e os jovens deixavam a aldeia apenas quando necessário.



Muã Mimãtxi conta hoje com cerca de treze alunos e onze professores e professoras. Durante a pandemia, foi possível redistribuir as atividades escolares, de modo que os professores de cada família se responsabilizassem pelas crianças do seu núcleo. Dessa forma, foi possível dar continuidade às atividades, a despeito da paralisação oficial decretada pela Secretaria Estadual de Educação.

Durante a conversa que gravamos, d. Liça abordou os desafios colocados pela atual conjuntura e apresentou toda uma variedade de *tehey* produzidos durante os meses de isolamento. Num deles, como ela destacou, é possível ver como as atividades da escola estão por todos os lugares da aldeia, e não só nos limites das “quatro paredes” da “escola de fora”, como chamam a estrutura construída pelo Estado no interior do território.

**Figura 3:** Fotografia digital do *Tehey* de Muã Miamatxi em tempos de pandemia, d. Liça Pataxoop, 2020.



Como contou d. Liça,

Esse tempo mesmo que nós estamos passando, esse tempo de pandemia, porque também é uma coisa boa da gente estar mostrando pra Secretaria (de Educação), pro Estado, que tem esse trabalho que hoje, assim, mesmo assim, eles querem governar nós! Eles querem governar nós! Porque hoje tem aí uns PET, agora eu já sei falar, PET [Planos de Estudos Tutorados], então, o povo branco, eles querem endoidar. Eles não sabem que nós trabalhamos com a mancieza da natureza. Nós não trabalhamos

na ganância do homem, nós trabalhamos com a calma da natureza. Não é porque hoje um diretor tá doido aí e quer fazer o doido não... Esse *tehey* é a partilha do conhecimento em tempo de pandemia. Então, a partilha é pra mostrar que nós partilha também o nosso ensino e também o lugar de aprendizado, aonde a gente se aprende, aonde a gente se ensina dentro dos lugares e é onde os lugares também ensinam e nós aprendemos com eles. Porque aqui, nós temos a nossa escola é essa aqui, onde o branco quer que nós fica, tipo engaiolado, vendo o sol nascer só um pouquinho, não ter sol. Olha pra você ver onde nós estamos fazendo essa *live*! Você está dentro de um espaço aí, e eu tô aqui tomando um ventinho. Então, aqui é a escola de quatro paredes, que nós temos ela, do governo. Essa aqui é do governo. Essa aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, é a nossa! É... Então, esse lugar está partilhando, e se nós já temos esse ensino de toda essa vida, agora mais ainda. Então, assim é um aprendizado que as famílias em Muã Mimãtxi elas estão praticando. Nós não deixamos de praticar. Porque aqui tá fechado, mas cá tá aberto. Nosso espaço tá aberto! E às vezes, lá fora, a Superintendência não olha, o povo da Secretaria de Educação não vê e que, é que nem eu falei, eu não vou me endoidar por causa de governo, não! Se ele quiser endoidar pra lá, ele endoia, agora eu não! Eu vou trabalhar igual à natureza, devagar. Porque tem tempo que a natureza, ela acelera no trabalho dela e tem tempo também em que ela se acalma. Então, se é um tempo de perigo, por que eles não olham que a gente possa trabalhar com calma também, né? Então, aqui é o lugar onde nós estamos aprendendo. O lugar que fortalece nós, onde estamos fazendo nossas leituras, nossos aprendizados. É o lugar que nós estamos aprendendo e ensinando. E esse lugar é uma família, onde nós estamos estudando, batendo feijão, porque é coisa de aprendizado. Porque você nasce aprendendo! Eu não sou muito de assistir televisão não, mas aqui agora, com essa doença, eu quero ver o que está acontecendo, olha pra você ver como também eu estou aprendendo a me defender pela televisão! Porque lá fora, nós não estamos indo, porque nossa aldeia aqui está fechada e inclusive quem faz compra pra nós aqui é uma enfermeira. A enfermeira que sai pra nós. Às vezes, os meninos precisam botar o dedo lá pra tirar o *kayábá*, aí eles vão, trazem o dinheiro, e o que ela compra pra nós ela vai lá e compra, esteriliza tudo com álcool e vai lá e entrega pra nós, a gente também tá aprendendo. E aqui também eu fiz o grupo dela, e ela também tá ajudando nós aqui nesse tempo. Aqui é o posto de saúde, aqui. E aqui é uma forma de eu estar me concentrando, porque nesse tempo, a gente tem que cuidar. A gente tá tomando muito chá, comendo as folhas de tempero, de comida, é muita fava aqui que eu tirei daqui e estamos também assistindo os debates lá de fora, que é como eu posso estar assim também me cuidando. Então, a gente também tá aprendendo, fazendo a comida. Então, cada espaço desse aqui é uma escola da vida. É um ensino que as famílias de Muã Mimãtxi seguem. E esse *tehey* aqui é a partilha, durante esse tempo. (Entrevista gravada, Muã Mimãtxi, 2020)

A pandemia afetou ainda a realização da “festa das águas”, um dos principais rituais do calendário anual de Muã Mimãtxi. Diante da impossibilidade de celebração da festa, que acontece nas primeiras semanas de outubro, a comunidade teve de se adaptar e resolveu realizar as celebrações em cada família, do mesmo modo que foi feito com a escola. Como concluiu d. Liça

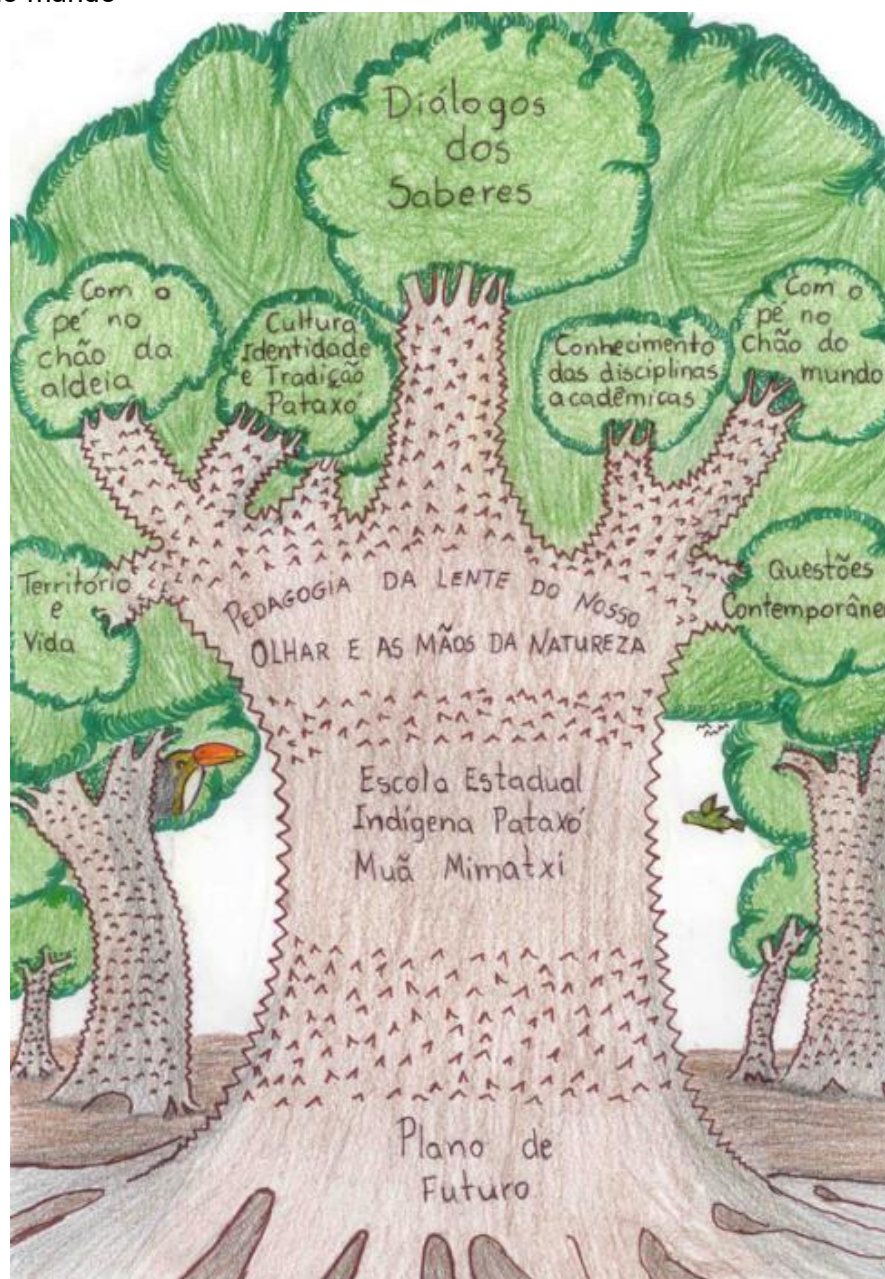
Eu mesma fiz com minha família, com meus filhos. Cada um fez com a própria família. Nós não deixamos de fazer não, porque tudo agora é família, né? A nossa cultura, os nossos jeitos agora, escola, tudo tá na família. Então, também o ritual foi feito pela família, porque é a forma de estar um com o outro, é assim. (Entrevista gravada, Muã Mimãtxi, 2020)

## 6. Considerações finais

Durante os meses do projeto, reunimos todas as publicações realizadas pelos professores e professoras de Muã Mimãtxi num acervo, que agora ficará disponível para a comunidade. Após um trabalho de imersão nessa literatura, convidamos uma série de pesquisadoras e pesquisadores indígenas e não indígenas que tiveram papel crucial na realização dessas publicações para revisitar o material, dando origem a uma série de *lives* que foram gravadas e incluídas no mesmo acervo digital. O acervo reúne ainda alguns dos *tehey* de dona Liça Pataxoop e dos alunos de Muã Mimãtxi que participaram da exposição coletiva *Mundos Indígenas no Espaço de Conhecimento da UFMG* (GOMES, A; et I. 2020a).



**Figura 4:** O Currículo como diálogo de saberes: com o pé no chão da aldeia e com o pé no chão do mundo



(POVO PATAXÓ DA ALDEIA MUÃ MIMATXI, 2012 c, p.26)

A partir desse trabalho de levantamento bibliográfico e elaboração de uma fortuna crítica junto da comunidade e de seus aliados, iniciamos uma pesquisa acerca das práticas pedagógicas desenvolvidas em Muã Mimãtxi, a qual introduzimos neste artigo. cremos que Muã Mimãtxi nos ensina pedagogias totalmente sintonizadas com os desafios impostos pelo atual colapso ecológico em curso acelerado no planeta (KRENAK, 2019; KOPENAWA; ALBERT, 2015; STENGERS, 2015; TADEI; GAMBOGGI, 2016; TSING, 2019; LATOUR, 2020; DANOWSKI; CASTRO, 2014),

além de reverberar os desafios teóricos, práticos e conceituais de abordagens relacionais seja no campo da antropologia, seja no campo da educação ou em ambos (CASTRO, 1996; LIMA, 1996; DESCOLA, 2016; LAVE, 2015; RANCIÈRE, 2018; INGOLD, 2020; TOREN, 2020; MIZRAHI, 2020; GOMES ET AL, 2020).

Em seção especial da *Revista Cult* (setembro, 2021) “Por uma antropologia além do humano”, Renato Sztutman, apoiado em vários autores e autoras acima citados, chama a atenção para a centralidade de uma retomada do animismo hoje, para além do conceito antropológico como um modo de resistência ou “uma forma de responder ao projeto racionalista da modernidade, que transformou o ambiente em algo inerte, opaco, sinônimo de recurso e mercadoria” (SZTUTMAN, 2021, p.40).

Sem adentrarmos nos meandros dessa retomada do conceito, gostaríamos de indagar junto com Sztutman a respeito da seguinte questão: “Que outra ciência seria capaz de retomar o animismo hoje?” (SZTUTMAN, 2021, p.43). Como o próprio Sztutman (2021) acaba por sugerir no final do ensaio, é bem provável que as ciências indígenas tenham um papel central nessa resposta ao projeto racionalista da modernidade, ao estabelecer uma conexão efetiva com as ciências modernas, “uma conexão que retoma o animismo, reconhecendo nele um modo de engajar humanos ao mundo, contribuindo assim para evitar ou adiar a destruição do planeta” (2021, p.43).

Acreditamos que “A ciência da terra” de Muã Mimatxi, por seu turno e a sua maneira, pode ser reconhecida como um esforço de retomada permanente do animismo, através de uma percepção encantada, como diria Dona Liça Pataxoop, do mundo e da terra, no qual se destaca a noção de parentesco estendido ou distribuído indicada anteriormente.

Nos termos de Kanatyó Pataxoop,

essa questão desse conhecimento que envolve a natureza, ele é muito importante para a sobrevivência dos seres vivos da terra. E cada ser vivo tem o seu modo de estar no mundo, a sua relação com a natureza, a sua relação com a água, porque todos os corpos da natureza, a gente sabe que bebem água, e que, desde o começo do mundo, o corpo, ele foi formado com água. E a gente tem que ser, o que mantém vivo, tem que estar de pé e tem que ter água. E aí, essa questão da ciência, ela envolve esses três grandes mundos, o mundo mineral, o mundo vegetal e o mundo animal. Esses três mundos eles estão ligados entre si, e a gente tem que saber também como se relacionar com esses mundos, o mundo das plantas, o mundo dos animais, e o mundo dos minerais, que são as águas, são os astros, essas coisas todas aí. E essa ciência, esse conhecimento, ele traz uma formação profunda desse conhecimento de como a gente deve estar no mundo e se relacionando com o todo. (Entrevista gravada, Muã Mimatxi, 2020)

Vimos que a chegada dos Pataxóop a Itapeçerica (MG) foi marcada pelo encontro com uma variedade de parentes-plantas, parentes-animais, povos espíritos também chamados de *yamiyxoop*, nas palavras de dona Liça, “quando a gente chegou aqui, a primeira coisa que a gente viu foi um parente nosso que faz parte da nossa irmandade da natureza. Porque nós temos uma irmandade que se chama ‘tudo é parente’” (Entrevista gravada, Muã Mimatxi, 2020). Muã Mimatxi é também o nome de um “parente vegetal” que encontraram tão logo retomaram seu novo território em Itapeçerica, nos contaram os Pataxóop.

Se nos pareceram evidentes as conexões parciais entre “A ciência da terra” de Muã Mimatxi e as retomadas de animismos e perspectivismos indígenas nos debates antropológicos, cabe ainda ressaltar dois outros alinhamentos possíveis a partir de Muã Mimãtixi. Por um lado, há o novo pensamento indígena, no qual se destacam as figuras de Davi Kopenawa (2015) e Ailton Krenak (2019); por outro, a “guinada teórica chamada de ‘etnografia multiespécie’ ou ‘ antropologia para além do humano’”, dentro da qual se destaca todo um esforço para “descentrar o humano do foco de análise” (OLIVEIRA, 2021) e o trabalho pioneiro, *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*, de Anna L. Tsing (2019).

Tanto Davi Kopenawa quanto Ailton Krenak são reconhecidos por serem críticos argutos dos brancos ou “povo da mercadoria”, destacando o poder destrutivo do modo relacional com a natureza, a floresta, os rios ou outros seres, para além dos humanos, existentes na terra. “Devíamos admitir a natureza”, adverte Krenak (2019),

como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo: 70 % de água e um monte de outros materiais que nos compõem. E nós criamos essa abstração da unidade, o homem como medida das coisas, e saímos por aí atropelando tudo, num convencimento geral até que todos aceitem que existe uma humanidade com a qual se identificam, agindo no mundo à nossa disposição, pegando o que a gente quiser. (p.69)

O resultado desse *modus operandi*, que enxerga a natureza como um recurso a ser explorado e transformado, como a gente quiser, em mercadoria é, como sabemos, responsável pelo surgimento cada vez mais crítico de paisagens devastadas por um uso da natureza estritamente utilitário, que parece estar na raiz dos problemas, mitigações e soluções para a atual crise climática global. Quando os Pataxóop chegaram em Itapeçerica (MG), em 2006, encontraram uma “terra completamente cansada e doente”. Nas palavras de dona Liça,

apesar de ser uma terra já degradada, porque já tinha posseiro vivendo aqui, a gente teve um grande trabalho de estar recuperando isso aí. Inclusive, depois que os posseiros saíram, todas as cercas que tinham, a gente tirou tudo. Porque terra nossa, desde os tempos ancestrais, não tem cerca. Não existe cerca. E a gente quer viver numa terra sem cercas. Porque cerca é do homem branco. Porque pra cercar, pra falar, "olha, isso aqui é meu". Então a nossa terra, ela não pode ter cerca. Porque isso não é bom pra nós. E aí, a gente tentou tirar todas as cercas. A gente foi conversando com todas as plantas, com os animais, então, hoje nós temos aí uma grande irmandade que nos fortaleceu. E nós achamos que aqui, hoje, nós estamos fortes. (Entrevista gravada, Muã Mimatxi, 2020)

Anna L. Tsing (2019) tem chamado a atenção para paisagens globais, caracterizadas por fortes perturbações que podem ser qualificadas como paisagens em ruínas. Seu interesse tem sido o de fornecer elementos para evitar o chamado excepcionalismo humano ou ecologias antropocêntricas, em favor de uma abordagem orientada para paisagens multiespécies, muitas delas capazes de ocupar e recuperar paisagens arruinadas por um uso antropocentrado. Como afirmam Thiago Cardoso e Rafael Devos (2019) na Apresentação da edição brasileira do livro *Viver nas ruínas* (2019), “nesse movimento”, de Anna Tsing,

o conceito de paisagem é central, [na medida em que] paisagens têm histórias particulares e possibilitam emergir modos de vida que não condizem com os padrões expressos pelos conceitos de espécie ou sociedade. Para Tsing, paisagens são o sedimento concreto de fluxos vitais, condições atmosféricas, sonhos, memórias e representações. (2019, p.9)

Ora, é impossível não correlacionar essa abordagem de Anna Tsing àquela expressa pela “Ciência da Terra”, praticada em Muã Mimãtxi em sua retomada e recuperação de seu território em Itapecerica (MG). Da mesma maneira, pode-se identificar, nas pedagogias indígenas, em especial, os *tehey* de dona Liça, um exemplo extremamente sofisticado do que pode vir a ser uma paisagem multiespécie, bem como sua descrição, manejo e recuperação a partir de uma socialidade mais que humana (TSING, 2019, p.119).

Acreditamos que demos início aqui a uma colaboração que certamente se desdobrará em novas iniciativas junto à comunidade, a quem, para concluir, aproveitamos para agradecer pela recepção e por todo o interesse e disponibilidade em compartilhar conosco sua “Ciência da Terra”, que, por sua vez, se traduz como uma experiência de escola-comunidade “para adiar o fim do mundo”, para evocarmos, mais uma vez, as palavras de Ailton Krenak.



## Referências bibliográficas

- BOLLETTIN, P.; SANABRIA, G. V; TAVARES, F. (Orgs.). **Etnografando na Pandemia**. Salvador: CLEUP, 2020.
- BRAZ, T. A. **O saber matemático nas vivências cotidianas da aldeia Muã Mimãtxi**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Formação Intercultural para Educadores Indígenas) - Fiei, UFMG, Belo Horizonte, 2018.
- BRAZ, R. A. **Jogos familiares pataxó da aldeia Muã Mimãtxi em Itapecerica-MG**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Formação Intercultural para Educadores Indígenas) - Fiei, UFMG, Belo Horizonte, 2019.
- BRAZ, W. A. *Tehey de pescaria de conhecimento*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Formação Intercultural para Educadores Indígenas) - Fiei, UFMG, Belo Horizonte, 2019.
- CARDOSO, T; DEVOS, R. Apresentação dos editores. In: TSING, A. L. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019. p. 8-13.
- CASTRO, E. B.V. de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **MANA - Revista de Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 2, n.2, p.115-144,1996.
- DANOWSKI, D.; CASTRO, E V. de. **Há um mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie; Instituto Socioambiental, 2014.
- DESCOLA, P. **Outras naturezas, outras culturas**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- DUTRA, M. V. **Arte e identidade em caminhos territoriais: a trajetória de Kanatyo Pataxó**. 2012. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- GOMES, A. M. R.; MIRANDA, S. A.; CORREA, C. N. História e produção da escrita entre os Xakriabá e os Pataxó de Minas Gerais. **Revista Tellus**, Campo Grande - RS, v. 1, p. 167-192, 2020.
- GOMES, A. M. R. et al. **Mundos Indígenas**. Belo Horizonte: Espaço do Conhecimento/UFMG, 2020a. Catálogo da exposição.
- INGOLD, T. **Antropologia e/como educação**. Petrópolis: Vozes, 2020.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu**. Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LAVE, J. Aprendizagem como/na prática. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.44, n.21, p. 37-47, 2015.
- LATOUR, B. **Onde aterrar?** Como se orientar politicamente no Antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LEITE, L. H. A. Com um pé na aldeia e um pé no mundo: avanços, dificuldades e desafios na construção das escolas indígenas públicas e diferenciadas no Brasil. *Currículo sem Fronteiras*, [s.l.], v.10, p. 195-212, 2010.

LIMA, Tania Stolze. O dois e seu múltiplo reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia tupi. *MANA - Revista de Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 2, n.2, p. 21-47, 1996.

PÁDUA, K. C. The school as a project for the future: a case study of a new pataxo village school in Minas Gerais. *Vibrant*, Brasília, v.12, n. 2, p.273-309, 2015.

PATAXÓ, L. [Dona Liça]. **Com a terra construímos a nossa história**. Belo Horizonte: Fale/UFMG; Literaterras, 2012.

PATAXÓ, C. B. **A cultura informa o homem**. Belo Horizonte: Fale/UFMG, Literaterras, 2012.

PATAXÓ, C. B. **O segredo das plantas e dos animais**. Alunos indígenas pataxó da aldeia muã mimãtxi. Belo Horizonte: Fale/UFMG; Literaterras, 2012a.

PATAXÓ, S. **Alfabetizar cantando na aldeia Muã Mimãtxi**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Formação Intercultural para Educadores Indígenas) - Fiei, UFMG, Belo Horizonte, 2016.

PROFESSORES E ALUNOS INDÍGENAS PATAXÓ DA ALDEIA MUÃ MIMATXI. **A ciência da noite e do dia**. Belo Horizonte: Fale/UFMG; Literaterras, 2012a.

PROFESSORES E ALUNOS INDÍGENAS PATAXÓ DA ALDEIA MUÃ MIMATXI. **A nossa crença com a vovó Lua**. Belo Horizonte: Fale/UFMG; Literaterras, 2012b.

PROFESSORES E ALUNOS INDÍGENAS PATAXÓ DA ALDEIA MUÃ MIMATXI. **Calendário dos tempos da aldeia Muã Mimãtxi**. Belo Horizonte: Fale/UFMG; Literaterras, 2012c.

POVO PATAXÓ DA ALDEIA MUÃ MIMATXI. **A pedagogia da lente do nosso olhar e as mãos da natureza..** Belo Horizonte: Fale/UFMG; Literaterras, 2013.

SILVA, L. J. **As ações educativas dos intercâmbios culturais em contexto indígena**: estudo de caso do povo pataxó da aldeia Muã Mimãtxi em Itapeçerica-MG. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SZTUTMAN, R. O animismo hoje. *Revista Cult*, São Paulo, n. 273, p. 40-43, set. 2021.

VEAS, M. R. L. B. **Escolas indígenas e suas potencialidades para uma educação intercultural**: um estudo na aldeia Muã Mimãtxi. (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

MIZRAHI, M. Apresentação. A educação como relação: estética, materialidade, subjetivação - contribuições desde a antropologia. In: BANNELL, R.; MIZRAHI, M.; FERREIRA, G. **Deseducando a educação**: mente, materialidade, metáfora. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2020. p.165-179.

OLIVEIRA, J. C. Sobre florestas cultas. *Revista Cult*, São Paulo, n. 273, p. 44-46, set. 2021.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante**. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2018.

STENGERS, I. **No tempo das catástrofes** - resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TADEI, R., GAMBOGGI, A. Education, antropology, ontologies. **Educação Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 27-38, jan./mar. 2016.

TOREN, C. Mente, materialidade e história. In: BANNELL, R.; MIZRAHI, M.; FERREIRA, G. **Deseducando a educação**: mente, materialidade, metáfora. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2020. p.181-206

TSING, A. L. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.